

Cientista político acha que Lula terá de domesticar esquerda do partido para implementar projetos

Do combate à fome à fome dos radicais

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Combater a fome no Brasil é uma tarefa ambiciosa, mas não impossível, segundo o professor Leôncio Martins Rodrigues, titular do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Para atingir essa meta,

■ **Jornal da Unicamp** – O que esperar do PT na presidência?

■ **Leôncio** – Na realidade, trata-se mais de Lula do que do PT na presidência, porque fatalmente o novo governo será multipartidário. Só esse fato impõe limitações às propostas originais do PT que, aliás, mudaram no decorrer da campanha. Com essas ressalvas, penso que o novo governo Lula tentará ter uma preocupação forte com a questão social, e conseguir garantir, ao final de seu governo, como disse Lula, três refeições por dia para a população pobre. Trata-se de uma meta ambiciosa, mas não impossível, dependendo da qualidade da comida que estará no prato.

■ **JU** – O que fez o PT ser o primeiro partido de esquerda a ganhar uma eleição presidencial no Brasil?

■ **Leôncio** – O PT é um partido de esquerda de tipo novo, diferente, tanto dos antigos partidos comunistas que tinham uma fundação teórica no marxismo-leninista, e diferente também dos partidos nacional-populistas. O PT agregou lideranças sindicais sem passado político-partidário, setores progressistas da Igreja Católica, além de muitos pequenos grupos marxistas que saíram da clandestinidade, alguns que tinham participado da luta armada. Além dessas forças, das quais a Igreja foi a mais importante para a

viabilização inicial e crescimento posterior do Partido, o sucesso do PT deve-se muito à figura carismática do Lula. Mas é claro que somente esses aspectos não garantiram a conquista da Presidência, como indicam as derrotas anteriores. Muitos fatores são sempre responsáveis por uma vitória eleitoral. Não haveria aqui espaço para enu-



O professor Leôncio Martins Rodrigues: “O novo governo será fatalmente multipartidário”

merar todos, mas vale mencionar o marketing da campanha, os apoios de outros setores da classe política ao Lula, as dificuldades e erros da campanha do Serra e as mudanças na orientação política do partido no sentido de ganhar o apoio de setores das classes médias e altas.

■ **JU** – Quais as principais diferenças entre o PT que disputou as eleições presidenciais anteriores (e perdeu) e este que agora chega ao poder?

■ **Leôncio** – Os dirigentes petistas têm declarado que o PT agora “está mais maduro”. Não tem sido claramente explicitado o que quer dizer “estar mais maduro”, mas se entende que isso significa abandonar as propostas mais radicais de transformação social, basicamente de deixar cair os objetivos iniciais que cercaram a criação do partido que eram uma sociedade socialista e a instalação de um governo de trabalhadores. Desse ângulo, o “PT maduro” que chega à presidência é muito descaracterizado em relação ao “PT jovem”. Essas mudanças acontecem com qualquer partido, mas elas são sempre mais fortes — e surpreendem mais — quanto mais profundas eram as intenções iniciais de transformação e de criação de um “novo Brasil”.

■ **JU** – Um partido com as características do PT, composto por diversas correntes internas, ajuda ou atrapalha o presidente?

■ **Leôncio** – Atrapalha, é claro, mas cumpre ver qual a força real dessas facções e sua ca-

“O MST não será o principal obstáculo porque assentamentos e distribuição de terras durante o governo FHC já vêm debilitando o movimento”

pacidade de mobilizar “aliados externos” (sindicatos, especialmente) a favor de seus projetos e contra as alas moderadas do partido. É cedo ainda para uma previsão porque muitos dos integrantes das alas radicais poderão ocupar postos no governo e moderar seu comportamento e também porque a capacidade de pressão dessas alas dependerá do que fizer o governo Lula.

■ **JU** – Em sua opinião, alas como o MST e a corrente O Trabalho, consideradas de extrema esquerda, representam algum risco à governabilidade?

■ **Leôncio** – O MST sempre poderá atrapalhar mesmo porque não tem uma ligação orgânica com o PT. Mas acredito que o MST não será o principal obstáculo porque assentamentos e distribuição de terras durante o governo de FHC já vêm debilitar o movimento. Um governo

Lula poderá acelerar esse processo e, desse modo, enfraquecer a capacidade de mobilização do MST. Contudo, os sindicatos, especialmente os do setor público (das áreas da Educação e da Saúde, notadamente) podem criar mais problemas para o próximo governo porque têm mais apoio em segmentos importantes da sociedade brasileira e mais poder de pressão.

■ **JU** – O fato de o PT ter eleito governadores em apenas três estados (Acre, Piauí e Mato Grosso do Sul) representaria uma dificuldade para Lula governar?

■ **Leôncio** – De modo geral, sim. Seguramente seria melhor para Lula que o PT tivesse vencido em mais Estados. É interessante notar que o PT perdeu em todos os Estados mais fortes, especialmente no Sudeste e no Sul. É difícil imaginar quanto esse fato prejudicará o governo Lula. O aspecto principal, aqui, é a acentuação da fragmentação partidária que, por sua vez, reforçará a necessidade da busca do consenso. E a busca do consenso implicará o abandono de posições radicais e extremas em todos os assuntos de governo. No cômputo final, os resultados negativos do PT nas disputas estaduais deverão fazer com que o governo Lula seja ainda mais moderado do que imaginaram alguns observadores. Do ponto de vista analítico, os êxitos do PSDB e do PMDB no Sudeste e Sul são indicativos de que o eleitorado do Lula é bem maior do que o eleitorado do PT, fato que fortalece a posição do futuro

porém, o presidente eleito terá de vencer obstáculos dentro e fora de seu partido e combater, antes, a “fome” de poder de suas alas radicais. Autor, entre outras obras, do livro *Partidos, Ideologia e Composição Social* (Edusp, 2002), Rodrigues concedeu a seguinte entrevista ao *Jornal da Unicamp*.

presidente ante o partido, especialmente ante as facções mais radicais.

■ **JU** – O que representa a vitória de Lula no atual contexto da América Latina?

■ **Leôncio** – Bem, é óbvio que significará um estímulo para outros partidos e movimentos de esquerda. A dúvida aqui é saber em que medida a chegada ao poder (ou ao governo, mais precisamente) por via eleitoral e em aliança com outros setores de centro ou de direita reforçará as tendências moderadas da esquerda latino-americana e contribuirá para enfraquecer a esquerda que defende a luta armada. A impressão é de que estimulará os partidos que tendem para a “via pacífica”.

■ **JU** – Alguns analistas internacionais, como o britânico Anthony Giddens, acham que a chamada Terceira Via é o único caminho para o novo governo dar certo. Segundo ele, Lula terá de aliar a busca da justiça social com o estímulo ao empreendimento privado. Em sua opinião, isso é possível?

■ **Leôncio** – Em princípio, sim. Os países que têm uma melhor distribuição da renda são países capitalistas. Muitos deles foram governados por partidos de esquerda, basicamente partidos social-democratas, socialistas ou trabalhistas. Os Países Escandinavos são o grande exemplo. Certamente, o Brasil não é exatamente uma Suécia, mas cito esses exemplos para indicar que, em princípio, essa aliança não é impossível. Na realidade, não há alternativa porque um desenvolvimento fundado basicamente nos investimentos estatais não é mais viável e o modelo de planejamento estatal de tipo soviético fracassou em toda parte.

O eleitorado do Lula é bem maior do que o do PT

